

Universidade Federal do Paraná

Setor Litoral

Pedro Henrique Autuori de Oliveira

**RASTAFARI, MÚSICA REGGAE E TRADIÇÃO ORAL
AFRICANA**

**Trabalho de Conclusão de Curso em
Licenciatura em Artes - Texto para
Qualificação**

Estudante: Pedro Henrique Autuori de
Oliveira

Orientadora: Profa. Dra. Ana Elisa de
Castro Freitas

MATINHOS

2018

RASTAFARI, MUSICA REGGAE E TRADIÇÃO ORAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Artes pela Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral.

Orientadora Profa. Dra. Ana Elisa de Castro Freitas

MATINHOS
2018

TERMO DE APROVAÇÃO

PEDRO HENRIQUE AUTUORI DE OLIVEIRA

RASTAFARI, MÚSICA REGGAE E TRADIÇÃO ORAL”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Artes

Profa. Dra. Ana Elisa de Castro Freitas
Orientadora – Curso de Licenciatura em Artes, UFPR

Profa. Helenice Assis Vespasiano
Departamento de Terapia Ocupacional, UFPR

Profa. Fernanda Fausto
Curso Licenciatura em Artes, UFPR

Matinhos, 28 de novembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao Supremo da Criação Mais Alto Jahovia Jah Rastafari, por todo Amor e Bênção nesta hora.

Agradeço a minha Mãe Mara Lucia e meu Pai Nilson de Oliveira por toda base e confiança, agradeço a companheira de caminhada amada Hannah Diaz e meu pequeno mestre Emmanuel Autuori, sem os quais nada faria sentido.

Agradeço a oportunidade de poder realizar este trabalho, abordando elementos culturais relevantes e ao mesmo tempo pouco conhecidos. Mais do que somente mais um trabalho acadêmico este configura uma realização e uma tomada de consciência acerca do potencial de comunicação e instrução da Tradição oral que se manifesta ainda nos tempos do agora.

Agradeço a irmandade Sagrada Raiz, ao grupo de estudos Nyahbinghi Sagrada Raiz, e a oportunidade de desenvolver a Música Reggae com as bandas Chama Crescente e Gaiapiá, fontes de estudos práticos e vivenciais acerca da temática abordada deste trabalho.

“A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o Baobá já existe em potencial em sua semente”

Tierno Bokar¹

Palavras chave: África 1. Tradição Oral 2.Arte-educação 3. Diáspora 4. Rastafari 5. Música Reggae 6.

¹ Tierno Bokar Salif, falecido em 1940, passou toda a sua vida em Bandiagara (Mali). Tradicionalista em assuntos africanos. Cf HAMPÂTÉ BÂ, A. E CARDAIRE, M., 1957.

Lista de Figuras ²

| | | |
|----------|--|------|
| FIGURA 1 | Encouramento bumbo. | p.32 |
| FIGURA 2 | Registro Vivência Nyahbinghi, Morretes -PR | p.32 |
| FIGURA 3 | Encouramento e montagem Bumbo | p.33 |
| FIGURA 4 | Encouramento Kete | p.33 |
| FIGURA 5 | Registro da Vivência Nyahbinghi, Morretes - PR | p.33 |
| FIGURA 6 | Crianças brincando durante a Vivência | p.34 |
| FIGURA 7 | Registro da Vivência Nyahbinghi, Morretes - PR | p.34 |
| FIGURA 8 | Tambores Nyahbinghi | p.34 |

² Crédito fotos: Guilherme Scharf

Sumário

| | |
|--|-------------|
| INTRODUÇÃO | p.8 |
| METODOLOGIA | p.11 |
| PALAVRA SOM PODER | p.12 |
| RASTAFARI NA ORIGEM | p.14 |
| REFERENCIAL TEÓRICO | p.17 |
| FORMAÇÃO DE IDENTIDADE CULTURAL | p.19 |
| CAMINHANDO NO TEMPO, ANDANDO PELO RIO.... | p.23 |
| MÚSICA REGGAE | p.24 |
| MÚSICA REGGAE x RITMO REGGAE | p.26 |
| CONEXÃO COM A VIVÊNCIA, ÁFRICA-BRASIL, JAMAICA-PARANÁ | p.27 |
| NYAHBINGHI SAGRADA RAIZ | p.30 |
| VIVÊNCIA NYAHBINGHI | p.31 |
| OFICINA: NYAHBINGHI ANCESTRALDADE E ARTE EDUCAÇÃO | p.35 |
| CONSIDERAÇÕES SOBRE A OFICINA | p.36 |
| AÇÕES NA EDUCAÇÃO FORMAL | p.36 |
| EVENTOS CULTURAIS | p.37 |
| CAMINHO QUE SEGUE MONTANHA ACIMA... | p.38 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | p.40 |
| ANEXO 1 | p.41 |

INTRODUÇÃO

A pesquisa teórica inicial é relativa à Tradição Oral e seu papel na fundamentação cultural, histórica, social e moral dos povos da África Ocidental subsaariana, com o foco no poder da palavra para estas culturas, onde o homem e sua palavra são percebidos como um só. Com esse resgate em pesquisa, buscamos meios de desenvolver a oralidade e conduzir espaços educacionais nas comunidades e nos demais espaços de aprendizagem, ao longo do processo de formação do autor como arte-educador. A base comunitária, cooperativa, que progride em harmonia com a natureza, respeitando seus ciclos e suas culturas autóctones, os povos nativos, e que vê na diversidade a real riqueza da vivência é o caminho que acredito para que a educação renasça neste novo ciclo.

A partir deste estudo buscamos crescer em compreensão acerca da influência da Oralidade, da Tradição Oral, na formação cultural tanto de nossa nação, quanto do que se conhece como movimentos culturais afro-diaspóricos, tendo a Música Reggae e o Movimento Cultural RastafarI como foco deste Trabalho.

Partindo da percepção da importância da música como agente de coesão social, de troca de saberes desde a antiguidade, estabelecemos paralelos entre a Música Reggae e a Cultura RastafarI, Movimento Cultural oriundo da Jamaica a partir de influências da musicalidade e filosofia africanas, e a Tradição Oral da África Ocidental, de acordo com o olhar do tradicionalista malinês Amadou Hampâté Bâ (2010) sobre esta.

A construção teórica que se propõe neste trabalho se enquadra no debate teórico do pós-colonialismo, momento pós-independência dos povos africanos datado aproximadamente a partir de 1950, e dentro deste, seguindo o exemplo de Araújo (2016) em sua dissertação que aborda o “Estudo histórico, antropológico e sociológico de elementos e aspectos da Cultura RastafarI em São Paulo”, optamos pelas epistemologias do multiculturalismo e da afrocentricidade de modo integrado e simultâneo, de modo a construirmos uma compreensão baseada menos em extremos, mas buscando pontos de vistas onde um equilíbrio e uma diálogo sejam possíveis. Compreendendo a afrocentricidade, paradigma proposto pelo Professor Molefi Asanti (1980), a partir da visão de Nascimento e Finch (2009) no artigo: “*Abordagem afrocentrada, história e evolução*” parte do livro: “*Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*”:

(...) a abordagem afrocentrada vem evoluindo sempre no sentido de incorporar progressivamente, além das obras criadas na tradição ocidental, a ética e a filosofia ancestrais e a construção de conhecimento por africanos no seu próprio contexto de vida, antes e/ou independentemente do domínio colonial e escravista mercantil. Durante milênios as civilizações clássicas africanas estiveram entre os principais elaboradores do conhecimento humano. Uma missão da abordagem afrocentrada é desvelar e estudar essa produção, negada por um Ocidente que se autodenominou o único dono da ciência. Outra missão é levantar, estudar e articular as bases teóricas e epistemológicas das expressões atuais da matriz africana de conhecimento, como a filosofia religiosa tradicional. (Nascimento e Finch, 2009, p.41,42)

Percebemos que existe um amplo debate teórico que envolve estas duas epistemologias, que não cabe neste trabalho um aprofundamento. Porém utilizaremos como base a ideia de que Asante traz:

Não existe nenhum engano quanto às nossas origens: a África clássica deve ser o ponto de partida de todo o discurso sobre o rumo da história africana. O Kemet está diretamente relacionado e ligado às civilizações Kush, Cayor, Zulu, Peul, Ioruba, Akan, Congo, Zulu e Bamun. É o que já sabemos; mas há muito a desvendar, porque só recentemente nosso foco de estudos se voltou para a África em si mesma. No passado estudávamos a África em sua relação com a Europa, e não como as culturas africanas se relacionavam entre si. Era o modelo de pesquisa colonial, aperfeiçoado por franceses e ingleses. (Asante, 2009. p. 101).

Integrando a visão de que existem princípios de valores e concepções filosóficas em comum entre os que vieram de África, durante o período do Tráfico de negros, independentemente de sua origem cultural, dentro do que Cheik Anta Diop nos traz em seu livro “A unidade cultural da África Negra” (2014), onde partindo das condições materiais buscou explicar todos os traços culturais comuns a todos os Africanos, “desde a vida doméstica á da nação, passando pela superestrutura ideológica”(Diop, 2014, p.9).

Levamos em conta também a compreensão da diversidade cultural, gerada pelas rupturas da escravidão moderna, que pôs em contato diversos povos e percepções culturais africanas dentro dos mesmos navios negreiros e senzalas, gerando uma hibridização cultural sem precedentes, resultado, também, da interação com indígenas locais e brancos

européus, que serviu de substrato para que as manifestações culturais africanas se mantivessem, mesmo sofrendo diversas alterações e adaptações devido ao contexto, nas Américas e ilhas Caribenhas.

Sobre esse processo recorreremos a Bhabha (2013, p.20)

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entrelugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.

Na p.21 complementa:

A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica.

Fruto das ressignificações que se deram durante o processo de chegada e “adaptação” às “terras distantes”, estes “rebrotos” carregam fortes traços africanos mas também possuem elementos particulares, genuínos de sua condição.

O documentário etnográfico “Atlântico Negro: na rota dos Orixás” dirigido por Renato Barbieri (2000), integrando a coleção de filmes premiados pela Associação Brasileira de Antropologia no concurso Pierre Verget, revela a trajetória de homens e mulheres negras que protagonizam ritos, religiosidade, vida comunitária, musicalidade, memória de matriz africana nos estados brasileiros do Maranhão e Bahia. O filme revela como a cultura africana resiste e se atualiza sem perder linhas de forte ancestralidade no Brasil – e vice-versa, permite reconhecer a presença do Brasil na África, através de africanos retornados a regiões como Benin. Nesse fluxo cultural, em que pese, os anos passados e a violência do processo colonial, seguem vertendo valores atualizados em dimensões materiais (objetos, formas rituais, cultivos) e imateriais (religiosidade, manifestações estéticas, musicalidade, perspectiva comunitária)

Os escravistas estavam interessados exclusivamente na força de trabalho do africano, mas nos porões dos navios além de músculos vinham ideias, sentimentos,

tradições, mentalidades, hábitos alimentares, ritmos, canções, palavras, crenças religiosas, formas de ver a vida, e o que é mais incrível o africano levava tudo isso dentro da sua alma, pois não lhe era permitido carregar seus pertences. (Barbieri, 2010, 20:16s)

Vemos aqui uma importante chave para a compreensão do legado cultural que aportou nas Américas dentro dos navios negreiros. Legado esse que chegou de navio e na memória daqueles que quando deram por si, nada tinham além do que carregavam consigo, em suas lembranças, em seu coração africano.

Metodologia

O percurso da pesquisa

O desenvolvimento desta pesquisa está alicerçado em dois pilares complementares: de um lado, o estudo bibliográfico relacionado ao tema, a partir de levantamento das fontes e estudos dirigidos de leitura e fichamento; de outro o estudo prático da Música Reggae e dos tambores Nyahbinghi. Em conjunto, estes pilares conferem o corpus de uma pesquisa de caráter participante, voltada ao resgate cultural e empoderamento comunitário.

O percurso da pesquisa envolveu a participação e colaboração na organização de eventos culturais de Música Reggae, Vivências e Oficinas “Nyahbinghi”, onde foram experimentados e criados espaços de diálogo e troca de saberes sobre o que envolve a Cultura Rastafari (princípios, alimentação, vivência comunitária) e a batida Nyahbinghi.

No período entre 2015 e 2018, foram realizados os seguintes eventos culturais: I UFPRreggae Raiz (UFPR Litoral, Matinhos, PR); as edições I, II, III e IV Reggae a Beira Mato (Mandirituba, PR); I Reggae o Rezo (Morretes, PR); Oficina “Nyahbinghi: ancestralidade e arte-educação” (Semana Acadêmica Artes, UFPR - -Setor Litoral); Vivência Nyahbinghi Ordem Nova Flor (apoio Instituto Sarapiá, Morretes – PR).

Palavra Som Poder.

No princípio existia o Verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele; e sem ele nada foi feito.” Jo 1, 1-3.

Dentro da cosmovisão africana, que nos traz Amadou Hampâté Bâ (2010), existe um elo que integra os planos físico e astral, onde ambos interagem e se influenciam mutuamente a todo instante, onde não há ação em um sem reação no outro, uma vez que o que se manifesta em um plano tem sua contrapartida no outro, ou seja, o mundo “visível” é permeado e influenciado pelo que é “invisível”, e vice-versa. Com esse saber, desde a antiguidade, os humanos empregavam conscientemente o uso da Palavra, em sua expressão, para manipulação energética.

Na força e no poder do som, da palavra falada com presença da *essência*, em vivência, está a trajetória africana e, porque não, humana, de geração em geração, sendo compartilhada através de versos, cantigas, contos, hinários, cânticos, ou seja, da Oralidade. *Essência* aqui considerada como o que está além da matéria, mas que permeia a experiência humana através da inspiração, intuição, e toda consciência sutil que se manifesta através desta.

Desde genealogia de clãs, até princípios éticos e valores morais que regem as sociedades e as culturas, passando pelos ofícios tradicionais, regimento político e religiosidade, tudo caminha no tempo, dentro das sociedades e povos tradicionais da África Ocidental subsaariana através do que Amadou Hampâté Bâ(2010) nomeia de “Tradição Viva”, nome de seu artigo no volume I da Série “História Geral da África”. Aqui neste trabalho nos relacionaremos a esse legado somente por Tradição Oral.

Se perguntado para o tradicionalista africano, detentor, este, do conhecimento transmitido pela Oralidade, o que encerra a Tradição Oral? O conhecimento total, diria. (Bâ, 2010, p.182).

No mesmo artigo Amadou nos elucida também que: “A tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos” (2010:183). Já J. Vansina em seu artigo também presente no mesmo volume nos mostra a relevância e a riqueza das sociedades orais:

(...)a definição de tradições apresentadas aqui não implica nenhuma limitação, a não ser o verbalismo e a transmissão oral. Inclui, portanto, não apenas depoimentos como as crônicas orais de um reino ou as

genealogias de uma sociedade segmentária(...)mas também toda uma literatura oral que fornecerá detalhes sobre o passado, muito valioso por se tratar de testemunhos inconscientes, e, além do mais, fonte importante para a história das ideias, dos valores e da habilidade oral. (VANSINA, 2010 p.159)

Vendo quão abrangente é o papel que a Oralidade ocupa na vida dos povos tradicionais da África Ocidental, podemos então inferir a importância de seu veículo principal, a palavra. Mas o que seria a palavra sem a manifestação expressiva, sem a intenção humana e sem seu significado e contexto?

A palavra traz um significado próprio, mas por si não tem vida, pois no ser humano está a capacidade de interpretá-la em seu sentido, de manifestar vitalidade, sentimento e intenção junto a vocalização de sílabas, vivificando a palavra para torná-la eficaz em sua capacidade de comunicar, e comover o ouvinte e de transformar a realidade.

Outros significantes são relevantes neste processo: como o contexto cultural e imediato, como se dá a manifestação/performance do orador, que pode com sua teatralidade manipular sentidos e significados de acordo com a intenção, e até mesmo a indumentária usada por este, o dia ou a noite, o sol e a lua, o local onde se dá a vivência, são cruciais para que junto à palavra se forme um conjunto de manifestação humana que componha o sentido, a experiência em que a Oralidade se configura e prospera. Portanto vamos nos referir à palavra em sua expressão humana, manifestação, performance do orador no contexto da Oralidade como *Palavra Manifesta*.

A *palavra manifesta* e o seu poder: de manter, romper ou reestabelecer a harmonia, de pôr em movimento energias ocultas, de estabelecer o vínculo entre mundos, ocupa papel fundamental dentro da cosmovisão africana. Esta detém em si a capacidade de interagir com os espíritos, agir sobre a energia astral e sobre a matéria, constituindo-se em um agente mágico por excelência, uma vez que, entoada com propriedade, presença e sabedoria, põe em movimento energias que manifestam resultado na matéria, através do que se conhece por magia.

Para Amadou: “Na Europa, a palavra “magia” é sempre tomada no mau sentido, enquanto que na África designa unicamente o controle das forças, em si uma coisa neutra, que pode se tornar maléfica ou benéfica conforme a direção que se lhe dê.” (Bâ, 2010, p.186).

Tão relevante é a *palavra manifesta* para essas culturas tradicionais que a mentira é tida como “uma verdadeira lepra moral” (Idem). O que se revela em um

princípio moral de conduta perante ao grupo social. Assim, percebemos um paralelo entre o que no Movimento Cultural Rastafari se conhece pelo princípio *som-palavra-poder* e o valor dado à *palavra manifesta* nas culturas orais da África Ocidental subsaariana.

Rastafari na Origem

No final do séc. XIX , nas mentes dos africanos em diáspora, no contexto territorial caribenho, emancipados da escravidão, uma perspectiva ideológica foi tomando forma, conhecida como *Zionismo Africano* (African Zionism), tendo como fundamento a identificação patriótica com África, Etiópia e a forte tradição africana mantida e preservada pelos *Maroons*, negros fugidos que se tornaram militantes antiescravistas, e geraram algumas das primeiras comunidades de africanos livres da América nas montanhas Jamaicanas no século XVII, segundo nos traz o escritor, artista plástico, músico e Rastafari jamaicano de nome Abba Yahudah , em seu livro “A Journey to the Roots of Rastafari: The Essene Nazarite Link” de 2014

Essa forma de Zionismo surgido no contexto da diáspora, em território caribenho, gerou, na sequência, o que é conhecido como *Etiopianismo*, movimento ideológico que encerra em si uma identificação patriótica com a África, que teve seu florescimento, sobretudo, após a vitória Etíope sobre a invasão italiana na batalha de Adowa, em 1896. É sabido, todavia, que o *Etiopianismo* não teve seu início com a vitória de Menelik II, Imperador Etíope que comandou seu exército contra a Itália invasora em Adowa, mas sim ganhou força neste momento, quando a vitória de uma nação livre africana sobre a invasão imperialista européia repercutiu na mentes daqueles que, em diáspora buscavam e necessitavam de uma identificação com uma soberania africana, soberania essa que ficou evidente neste momento histórico. (Yahudah, 2014, p.211)

O Zionismo Africano deu origem ao Movimento de Repatriação (back-to-áfrica) de Marcus Garvey, que ganhou relevância nos idos de 1920, com toda a força e a dedicação deste que se transformou em um dos mais influentes e renomados estudiosos e nacionalistas pretos, além de ser considerado um Honorável Profeta para o Movimento Rastafari, por todo seu legado e pela profecia da Coroação do Rei Alfa e Rainha Ômega em Addis Abeba, 1930.

Nascido Marcus Mosiah Garvey, no ano de 1887 em Saint Ann's Bay – Jamaica. O profeta pan-africano reivindicava-se como descendente dos Maroons, grupo de resistência à escravidão na Jamaica, muito ativo

durante o século XVII, principalmente a partir de 1655.
(Douglas, 2016, p.46)

Em 2 de Novembro de 1930, um descendente de Menelik I, filho da Rainha de Sabá com Rei Salomão de Jerusalém, é coroado Imperador da Nação etíope ao lado de sua companheira Imperatriz Menen Asfaw. Sentado no Trono de Davi, Ras Tafari, nascido Tafari Makonnen, recebeu o nome de Haile Selassie (Poder da Santa Trindade) e o título de Rei dos Reis, Senhor dos Senhores, Leão Conquistador da Tribo de Judah e cumpriu a profecia que “Mosiah” Garvey anos antes havia proferido:

Em agosto de 1920, a UNIA (...) realizou grande evento no Madison Square Garden, em NY, quando Garvey falou sobre o orgulho da história e da cultura africana, e sobre a coroação de rei africano em futuro próximo, para um público de cerca de 25 mil pessoas! (Albuquerque, 2017, p.16)

Os negros jamaicanos identificaram o Leão de Judah como o redentor anunciado por Garvey para a libertação do povo das agruras sofridas em decorrência da escravidão, reconhecendo-o como líder político e espiritual. Dando início ao Movimento Cultural Rastafari. Assim, Araújo (2016, p.16) citando Rabelo (2006) nos traz que:

(...)para além de um movimento religioso, o rastafarianismo, caracteriza-se por ser necessariamente um movimento cultural, pois traz em sua essência elementos religiosos, políticos, sociais e ideológicos de diversificadas matizes, que por sua vez tornam-se constituintes de novas visões de mundo, sendo que “suas crenças rituais e atitudes são produtos dos processos de creolização ou hibridização a partir do encontro entre diversas culturas ocorridas no caribe. Rabelo (2006, pp82 p.7)

Como manifestação cultural resistente e genuína dentro do Rastafari, o Nyahbinghi é um toque de tambor que remete a batida do nosso coração. Traz em seu significado a *morte a todo tipo de opressão*, e para o Movimento Cultural representa o fundamento que os religa ao coração da Mãe Terra que pulsa pelo estabelecimento da União e Harmonia entre seus filhos. Junto ao toque do tambor são entoados cânticos, *palavra manifesta*, que relatam elementos históricos relevantes para a cultura (histórias bíblicas, encontro da Rainha de Sabá com Rei Salomão, Coroação) e trazem também mensagens de elevação espiritual, conduta reta e ensinamentos que são o fundamento para o Homem e Mulher Rastafari.

Durante os primeiros anos da ocupação europeia em África, Nyahbinghi era uma Ordem revolucionária dedicada a expulsar os europeus de África, para preservar a integridade espiritual e cultural da forma de vida ancestral africana (...). É importante ressaltar que, desde seu início, Nyahbinghi tem sido Pan-africano em seu escopo, com filias existentes em Uganda, Nigéria, Angola, Sudão, Quênia. Em 1928 as forças coloniais britânicas proibiram Nyahbinghi, acusando a ordem de traição contra a coroa inglesa. Muitos irmãos e irmãs foram encarcerados e/ou executados no cativeiro. Nesse período o Imperador Haile Selassie, então conhecido como Ras Tafari, deu à Ordem Nyahbinghi um lar permanente na Etiópia. (...) Nyahbinghi foi levado a Jamaica por nosso amado ancião Leonard Howell que (...) evocou a Nyahbinghi para se unir aos irmãos e irmãs Rastas contra o racismo e a brutalidade policial. A congregação Nyahbinghi de fiéis é a pedra angular da fé Rastafari mantendo o pacto/Bahtawi Narazeno e a integridade da vida eterna.” (Nyahbinghi, 1994)

A mensagem propagada, inicialmente através dos cânticos Nyahbinghi, e posteriormente através da Música Reggae carrega um legado cultural e moral com princípios de ordem e equilíbrio, que nos trazem, também, uma visão de mundo específica, ensinamentos espirituais e proposta de conduta moral, a retidão, e fundamentos de resistência social política e elevação espiritual, sob o exemplo de Sua Majestade Imperial Haile Selassie, que comandou o Império Etíope de 1930 a 1974, junto a sua companheira Imperatriz Menen Asfaw, mantendo a Etiópia livre e soberana em tempos de Imperialismo Europeu.

Mensagem essa que nada vale se não for trazida para a vivência, para o dia-a-dia, praticando o ensinamento da “Palavra Viva” – Palavra com ação, refletido no princípio *Palavra-Som-Poder*. Assim, o caminho espiritual que emerge da Cultura Rastafari está alinhado na prática da mensagem, na mensagem que se faz viva no aprendizado, na busca pelo crescente autoconhecimento e cura íntima no nível do indivíduo e pela cura das relações e conseqüente evolução humana no âmbito universal, a partir de premissas bases de Harmonia nos relacionamentos sociais e entre o ser humano e a Terra Mãe, que nos acolhe e provê tudo que se faz necessário para a evolução material e espiritual do homem.

Referencial Teórico

Tradição Oral e construção de identidade

“A Tradição Oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos” (Bâ, 2010, p.169).

“A oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade”. (Vansina, 2010, p.140)

Sobre a extensão e uso da oralidade na África, recorreremos a J. Vansina (2010, p.139): “As civilizações africanas, no Saara e ao sul do deserto, eram em grande parte civilizações da palavra falada, mesmo onde existia a escrita;”.

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra (...). (Vansina, 2010 p.139)

Partindo do estudo dos povos e etnias da África ocidental das savanas ao Sul do Saara, observamos que muito da história, dos valores éticos e morais que regem os grupos sociais, e dos costumes e ofícios tradicionais são passados de geração em geração através da *palavra manifesta* em diferentes linguagens artísticas dentro do que se conhece por Tradição Oral.

Sobre a atuação do *griot*, figura que é responsável pelas transmissões orais nas sociedades da África Ocidental sub-saariana, temos que:

Além de artista, músico, contador de histórias, genealogista, conselheiro de reis, o *griot* é, sobretudo, o personagem que vai mediar toda espécie de conflitos. A transmissão de conhecimento para a formação e educação da comunidade a que pertence também é outra característica importante no que se refere à sua atuação na sociedade. (Bernat, 2013, p.51)

É importante salientar que, assim como J. Vansina, Amadou Hampâté Bâ, tradicionalista malinês, nos traz que mesmo as nações e povos que dominavam a escrita se utilizavam, e utilizam, da Oralidade como ferramenta principal de propagar a cultura, os valores e bases morais que regem a vivência social, a conduta individual, de geração em geração.

O valor e o poder da palavra para esses povos remetem ao valor da própria vida em si. A partir da cosmovisão africana, do animismo, cada elemento manifesto na matéria tem uma contrapartida etérea, astral, energética, ou seja, a palavra proferida traz em si a vibração que manifesta em essência a intenção desta, trazendo, assim, grande responsabilidade, para os tradicionalistas, por seu uso. Segundo Amadou Hampâté Bâ:

Nas tradições africanas – pelo menos nas que conheço e que dizem respeito a toda a região de savana ao sul do Saara -, a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de “forças etéreas”, não era utilizada sem prudência. (Bâ, 2010, p.169)

O desenvolvimento da memória das pessoas ligadas a Tradição Oral é diferenciada, e a riqueza de detalhes com que as histórias, contos ou lendas são contados impressionam qualquer ocidental.

Importante para o presente estudo é a observação de que: o que os povos africanos, trazidos como escravos para toda a extensão do continente americano trouxeram, em potencial, em termos de arte, cultura, veio através da Oralidade, uma vez que, despidos de bens materiais, arrancados de sua própria terra sem aviso, não lhes restaram nenhum elemento material que lhes pudesse servir de base para uma continuidade cultural, somente sua memória. Ou seja, em relação ao conhecimento, cultura e tradição vividos em África, não dispuseram de nenhum outro artifício mantenedor além de sua própria *memória* e conexão espirituais com os Ancestrais.

E é a partir dessa memória coletiva que o processo de hibridização cultural se potencializou. Uma vez que nos momentos em que os negros escravizados conseguiam estabelecer interação social, seja durante o trabalho, seja durante os raros momentos de descanso (quando conseguiam vencer a barreira das línguas diferentes), ou mesmo no contexto das terras livres (quilombos, marrons, cimarrons) diversos elementos culturais africanos (no que tange a cosmovisão, a estética, a arte, a cultura), emergiram da memória e vieram à tona, de modo a marcar presença na construção da identidade das nações do “Novo Mundo”.

No contexto Jamaicano temos o exemplo dos “Maroons”. Escravos fugidos que se tornaram guerreiros em prol da liberdade, da autonomia e da luta anticolonial, criando algumas das primeiras comunidades de africanos livres nas Américas. Em 1655, quando a Inglaterra conquistou o território Jamaicano perante a Espanha, muitos negros

escaparam para a região das montanhas rochosas no interior da Ilha. As comunidades livres criadas pelos Maroons nas montanhas se tornaram “reservatórios” da cultura Africana, resgatando fortemente as Tradições Africanas (Yahudah 2014, p.226) e firmando a base ideológica e tradicional que viria fundar o Movimento RastafarI.

Assim, a identificação cultural com o passado africano, a conexão espiritual com os Ancestrais, e a provação em que a escravidão se configurou, fez com que os homens e mulheres africanos zelassem como ouro por aquilo que ninguém lhes poderia tirar: a alma africana.

Fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribui para criar um homem particular para esculpir a alma africana. (Bâ, 2010:169)

No caso específico que concerne este Trabalho, temos a realidade do processo escravidão nas Ilhas Caribenhas, que se configurou como um território onde diversas rebeliões antiescravistas tomaram forma, dificultando a ação dos colonizadores. A Jamaica, especificamente, uma colônia britânica, teve em sua trajetória diversas rebeliões negras, desenvolvendo ali uma resistência perante o domínio colonial mais forte do que na maioria dos territórios caribenhos, com exceção do Haiti.

Portanto na Jamaica, movimentos de identificação patriótica com a África – Etiopianismo, “Black Zionism” – desde meados do séc.XIX já estavam presentes em seu território, principalmente após a vitória do Império Etíope sobre a Itália na Batalha de Adowa em 1896, dando força para a resistência negra e para o movimento de Repatriação proposto por Hon. Marcus “Mosiah” Garvey. (Yahudah, 2014 p.212).

Formação de Identidade Cultural

Dentro da teoria social que trabalha a questão da identidade, destacamos a visão de Stuart Hall (2006), que em seu livro “A identidade Cultural na pós-modernidade” assinala que:

(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento (...) (2006, p.38)

Assim vemos que como a identidade cultural é algo em construção, em processo, podemos inferir que esta é influenciada por distintos aspectos que permeiam a sociedade como um todo, inclusive aportes culturais originários de processos que resultam em migração de população.

Percebemos, assim, a importância de aprofundarmos a pesquisa na temática, de modo a contribuirmos, dentro dos espaços de aprendizagem com os quais interagimos, para a construção de uma identidade cultural que valorize as raízes africanas e indígenas, presentes nas culturas tradicionais, de modo a reconhecer e honrar o legado dos ancestrais, que contribuíram de maneira incalculável para a estruturação material e social de nossa nação, e para nossa formação cultural como povo.

Como podemos perceber as construções identitárias, e seus caminhos, dentro do que se conhece como Cultura Nacional? Como a Tradição Oral influencia essas construções? Partiremos de uma consideração de Hall (2006, p.48) sobre Cultura Nacional:

A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedade mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas (...) nas sociedades ocidentais, à cultura nacional.

Assim vemos que toda a diversidade de referências culturais, que nutriam essa identificação, existente no passado pré-colonial, ou mesmo no advento da gênese das culturas nacionais ou nações, foram resumidas a uma homogênea condição de existência regida pelo mundo capitalista industrial ocidental globalizado. Sobre a relação entre a Cultura Nacional e as identidades culturais diversas que surgem no contexto da diáspora Araújo (2016, p.17), citando Hall (2003) nos traz que:

Stuart Hall (2003) estudou o processo de constituição das novas identidades culturais no Caribe, entre as quais se encontra o “rastafarianismo”. A eclosão dessas novas identidades culturais seria, para ele, reflexo de uma recusa das culturas locais em ficarem “encurraladas dentro das fronteiras nacionais”, cujos limites muitas vezes foram definidos pelos processos de colonização e exploração. Para Stuart Hall o conceito ocidental de Estado-Nação não exprime o processo de desenvolvimento da cultura caribenha, pouco afeita a limites territoriais rígidos e às ideologias nacionais. O espaço reivindicado pela cultura rastafári nos parece, exemplar nesse sentido.

Vivemos hoje em uma sociedade cosmopolita, de caráter globalizado, dominada por valores que são sustentados pelo sistema econômico e político de base capitalista e que servem como retroalimentação do próprio sistema. Valores esses disseminados pela ideologia da supervalorização do lucro e tudo o que essa encerra: a dominação racial, a exploração do homem e da natureza, a competição, a consequente desigualdade social, a conquista de territórios, que moveu o mundo europeu desde a antiguidade e confluiu no “descobrimento da América”, descobrimento, este, bem questionável inclusive, uma vez que a presença de africanos do Mali no território americano em expedições realizadas em 1310 e 1311 é descrita por Ivan Van Sertima (2003) no livro “They came before Columbus – The African Presence in Ancient America”.

Com a vigência desses valores (individualismo, racismo, sexismo, consumismo, antropocentrismo, exploração da natureza...) temos como reflexo uma sociedade excludente onde uma grande diversidade de “povos” e “culturas”, originalmente presente na formação da nação, fica marginalizada perante uma vertente cultural hegemônica, a “Cultura Nacional”. Sobre isso, o antropólogo Stuart Hall em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade” nos traz que:

A formação de uma cultura nacional contribui para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais (...) (p.50, 51)

Com essa percepção elucidamos qual a influência que a cultura nacional exerce sobre as identidades culturais, uma vez que estas são “(...) *formadas e transformadas no interior da representação (...)*” (Ibid., p.48), onde temos a nação como um “*sistema de representação cultural*” (Ibid., p.48). Logo a cultura nacional media e direciona a construção das identidades culturais, a partir das representações que valoriza ou marginaliza em seu “sistema”.

A partir dessa percepção, extraímos que a postura que uma nação tem em relação aos elementos culturais que fazem e/ou fizeram parte de sua gênese como cultura nacional, influencia diretamente em como tais elementos serão apropriados pelo povo, ou povos, e se eles serão apropriados como hegemônico ou marginalizados. No caso de territórios colonizados, com o advento da migração forçada pelo processo da escravidão moderna, percebemos a influência cultural e intelectual das metrópoles europeias,

presente na gênese das nações no pós-colonialismo, direcionando como que dentro de contextos culturais heterogêneos, uma cultura homogênea pudesse se sobressair, mantendo o poder de domínio mesmo após o advento das independências, tanto em África como nas Américas.

Trazendo essa reflexão para a herança cultural africana aqui na América, e no Brasil, vemos que em vez de uma conscientização, e valorização, da influência cultural africana, indígena, vemos uma marginalização dessas culturas dentro da cultura nacional. Comunidades inteiras que carregam esse legado são marginalizadas, perdem seu território e cultura, sua ancestralidade, e por fim sua identidade.

Acreditamos que esse esforço em compreender as raízes africanas da cultura afro-brasileira pode ser visto como parte da busca por uma identidade cultural que é multifacetada e está em constante movimento. Entre as diferentes faces dessa cultura a Cultura Rastafári se apresenta na perspectiva daquilo que Hall (2002) chamou de identidade cultural, sendo que esta identidade se apoia em um sentimento de pertencimento étnico-religioso a uma África já ressignificada pelos processos diaspóricos, resultantes das sucessivas ondas colonizadoras e exploratórias sobre aquele continente.” (ARAÚJO, 2016, p.32)

Importante ressaltar que essa herança se configura dentro de um caráter híbrido, heterogêneo, devido às diversas interações e influências culturais que se deram no período que compreende os últimos quatro séculos da história do continente americano. Isso se dá devido não só às interações com indígenas locais e europeus, mas considerando também a diversidade de povos e culturas africanas que aportaram juntas aqui.

Todo esse aporte cultural que chegou com a memória africana, resgatado e hibridizado durante o processo colonial, veio para a América, e conseqüentemente para o Brasil, através de processos orais, da Oralidade ou do que Amadou Hampâté Bâ concebe como Tradição Oral, Tradição Viva.

Uma vez, então, as sociedades africanas separadas, repartidas, fragmentadas pelo Tráfico de escravos, o que poderia manter vivo os aspectos culturais? Como que essa coesão cultural pré-colonial poderia ser (re)estabelecida no período pós-colonial, pós-escravatura?

Eis que Amadou Hampâté Bâ nos traz uma pista: “A *própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra*” (Bâ, 1999, p.182).

A mesma Tradição que evoca esse respeito e mantinha a coesão social, edificada sobre princípios e valores bem delimitados nas sociedades tradicionais africanas, atua na sociedade contemporânea, na diáspora e atuou mesmo durante a escravidão, nos territórios ocupados pelos africanos que fugiam, escapavam do jugo do opressor.

Caminhando no tempo, andando pelo rio...

O que os negros conseguiram salvar e resgatar de sua vivência original em África, através da oralidade, gerou o substrato para que hoje existam diversas manifestações culturais populares espalhadas pelos quatro cantos da América, mantendo a força de resistência, o desafio de reconstruir a história pelo olhar do oprimido e o compromisso de dar às próximas gerações uma educação condizente com a realidade.

Assim vemos que esta coesão, fruto da oralidade e da memória de que fala Bâ, pode ser garantida também na diáspora, como ocorre em grupos afro-religiosos, grupos de maracatu e grupos que trabalham com algum resgate cultural africano.

Porém, para que essa coesão possa caracterizar um processo de construção de identidade cultural, existe a necessidade de se trabalhar a temática que envolve história, arte-cultura africana junto às novas gerações, para que essas possam crescer apropriadas, conscientes e orgulhosas de sua origem cultural, por mais híbrida e diversa que esta possa ser.

Compreendemos que com este estudo podemos trazer à tona processos históricos que nos conscientizam que a verdadeira riqueza da humanidade está em sua diversidade cultural. Abrindo caminho para que possamos reconhecer a unidade que atravessa toda a diversidade, e que nos faz humanidade, uma unidade.

Acreditamos que a valorização da diversidade em um contexto social como o de nossa nação ou mesmo continente se faz necessário e configura uma chave para que a educação renasça em um novo ciclo.

Porém sabe-se que não há como valorizar o que não se conhece, “um povo sem história é como uma árvore sem raiz” já nos trouxe Marcus Garvey. Portanto, para que possamos de fato reconhecer na história os elementos que nos contemplam, que possam nos trazer orgulho de nossa origem, necessitamos nos organizar em grupos de interesse para estudarmos e resgatar os aspectos culturais que nos são valiosos no processo de construção e reconhecimento identitário frente a essa massificação e

homogeneização resultante dos processos históricos de dominação e exploração protagonizados pelos países europeus nos últimos quatro séculos.

Assim, nesse ponto trazemos a importância dessa pesquisa e do trabalho realizado pelo coletivo “Nyahbinghi Sagrada Raiz”, onde a temática desenvolvida aqui pode ser aprofundada e vivenciada na prática, capacitando-nos para trabalhá-la nos ambientes de educação formal e não-formal, e para benefício de nossa comunidade.

Ferramenta original de propagação efetiva da Cultura RastafarI, e elemento constituinte da Tradição Oral, herdada de África desde tempos remotos, temos na Música Reggae uma base para que possamos compreender como a Oralidade, o conhecimento Oral, caminhou no tempo, ao longo de gerações e gerações, se resignificando na diáspora, absorvendo novas linguagens artísticas sem perder o fundamento, a essência.

Música Reggae

Certamente, o reggae pode ser percebido e usado apenas como ritmo musical, mas a essência dessa arte militante e libertadora representa mais do que instrumento para entretenimento ou lucros. (Albuquerque, 2017, p. 8-9).

Entendemos que a Música Reggae se configura como um veículo de propagação da Cultura RastafarI, um movimento cultural genuíno de origem Afro-caribenha, com perspectiva pan-africana e afrocentrada, que tem como proposta a divulgação de uma cultura fundamentada em princípios de fraternidade e ancestralidade que integram: uma forma de viver em harmonia com a Natureza Mãe provedora, a valorização, reconhecimento e resgate de nossas raízes culturais em África (berço da humanidade), assim como, a luta contra qualquer tipo de opressão, posicionamento político em prol da igualdade de direitos, a busca pela elevação espiritual e evolução da consciência do ser humano na através do autoconhecimento e de uma conduta fundamentada no Amor à Vida, no “reto caminhar” onde se busca a honestidade, a caridade, a humildade, a equidade de gêneros, a cooperação pela Não-Violência, em uma vida simples, onde se construa uma aproximação, comunhão com o mundo natural abundante para que o Ser Humano se (re)conheça como Guardião da Natureza viva.

Dentro do que podemos chamar de cultura reggae estão inseridos elementos de fé, religião, filosofia e ideologia rastafaris, que incluem estilo de vida, alimentação,

educação, princípios e valores, visão de mundo, ideais políticos, relação com o meio ambiente, relação com a mídia, etc. O reggae surgiu com um propósito de poder revolucionário e, por isso, desde o princípio não se resume à música simplesmente. (Moraes; Souza, 2009, p.2)

De acordo com esse autor, a Música Reggae, que foi gerada a partir da fusão entre ritmos negros nativos como o *mento e Calypso*, e da influência musical que chegava pelas rádios jamaicanas e norte-americanas, onde se tocava muito Blues, Jazz, Soul, R&B, ou seja, basicamente música negra, estabelece uma ponte, uma comunicação entre a tradição africana mantida pelos negros fugidos da escravidão (*Maroons*), a ideologia gerada nos idos do início do séc.XX (*Zionismo africano, Etiofricanismo, back-to-áfrica*) e o contexto pós independências e contemporâneo, onde a exclusão e a marginalização das culturas herdadas dos africanos e indígenas ainda é presente.

Como fundamento da Música Reggae, o Nyahbinghi constitui tanto a base rítmica, como o alicerce espiritual. A batida Nyahbinghi é considerada a “*batida do coração*”, uma vez que se caracteriza pelo toque 1-2, que gera o contratempo, que posteriormente foi ocupado pela guitarra rítmica, gerando a musicalidade característica da Música Reggae. No campo filosófico o Nyahbinghi se manifesta pelo fim de todas as formas de opressão, para que o ódio e a guerra sejam transcendidos e ofuscados pelo Amor Soberano Universal. O Nyahbinghi é um Cerimonial Rastafari onde a presença sagrada do Fogo, os tambores (bumbo, funde e akete) e o sacramento cultural são elementos base para que cânticos de louvor sejam entoados à Criação. (Albuquerque, 2017, p.72)

O enfoque no conteúdo formativo e informativo da Mensagem, da Palavra que transcende a questão musical em si, traz à tona a profunda relação da Música Reggae com a Tradição Oral da África Ocidental, uma vez que a base filosófica do Movimento Rastafari teve como veículo principal de propagação a Música Reggae e os cânticos tradicionais Nyahbinghi, sendo que ambos, cada um a seu tempo e escala, transcenderam as barreiras da “Cultura Nacional” Jamaicana e se propagaram aos “quatro cantos “ do mundo. Portanto temos consciência do valor e relevante papel que a Música Reggae teve em disseminar Rastafari pelo mundo através, principalmente, mas não somente, do Trabalho de Robert Nesta Marley.

Toda a resignificação da cosmologia, e de elementos culturais, ocorrida na diáspora africana na América recebe também, no contexto contemporâneo, a influência do processo de Globalização que reflete nas mudanças de valores e de sentidos das Culturas Nacionais, que não mais se restringem às fronteiras territoriais do período pós-colonial, assumindo diferentes interpretações e representações em diferentes espaços e territórios.

Nesse contexto, surgem as diferentes formatações do reggae no mundo, articuladas às circunstâncias e espaço, desestruturando sua estrutura originais, com abertura para novas articulações, possibilitando uma nova reconstrução, resultando em um produto fragmentado inserido em um outro contexto social. Daí o interesse em pesquisar as formas de apropriações locais do reggae e como esse gênero musical passa a ser incorporado e como reorganiza as práticas culturais da cidade.” (Morias; Araújo, 2008, p.2)

O que nos traz *Morias e Araújo* em seu estudo sobre a influência do Reggae no Maranhão é a face híbrida de um elemento cultural que emerge em determinado contexto histórico, social e político no Caribe e posteriormente “caminha” por outros contextos, sendo resignificado e assumindo diferentes representações. Assim Douglas (2016, p.17) conclui que:

É nessa perspectiva de contra-narrativa que localizamos a cultura rastafári, como possibilidade de uma cultura que possui raízes locais, mas que não se esgota enquanto ideologia nacional, ou que se restringe ao universo jamaicano. As raízes no Pan- africanismo, o discurso universalista de retorno à África, o internacionalismo, exprimem algo mais amplo, não restrito à localidade. Tal perspectiva nos permite discutir a construção das identidades negras nos contextos afro-diaspóricos, não as restringindo mais ao Caribe, mas também ao Brasil.

Música Reggae e “ritmo” Reggae

Neste espaço traremos a nível de esclarecimento, uma construção teórica acerca da diferença entre o que se conhece por Música Reggae, do Inglês “Reggae Music” e “ritmo” Reggae, de modo que todos possam compreender sobre qual “reggae” estamos nos referindo.

O ritmo Reggae configura uma apropriação cultural que mantém a musicalidade e a base rítmica da Música Reggae, porém não encerra em si o compromisso com a Mensagem que fundamenta e propaga a Cultura Rastafari. As músicas que se utilizam do ritmo reggae, em geral, tem um enfoque maior no entretenimento e em temáticas que tem maior apelo midiático, fugindo dos princípios norteadores da Tradição Oral.

A apropriação cultural não se restringe somente a musicalidade ou base rítmica, mas se estende também a outros elementos como as cores da bandeira Etíope, representativas do Movimento Rastafari (verde, amarelo e vermelho), elementos estéticos (tranças ou dreads), amuletos, entre outros, o que gera um esvaziamento e uma superficialidade pela ausência dos fundamentos que embasam e dão real valor aos elementos culturais originais.

Complementando a visão, trazemos aqui a percepção de Albuquerque em seu recente livro que aborda elementos da Cultura Rastafari:

Apesar de a imagem de Bob Marley ou de Che Guevara estarem associadas a movimentos revolucionários, não se pode ignorar o poder de transformação pela mídia dessas identidades em objetos de comércio, reduzindo o poder revolucionário de fundamentos filosóficos e enfatizando a estética (reproduzível, vendável e inofensiva). (Albuquerque, 2017, p.39)

Ou seja, mesmo o ritmo Reggae possuindo a mesma base rítmica da Música Reggae, não carrega o compromisso com a Mensagem, ou *palavra manifesta*, de cunho Social, Histórico, Cultural e Espiritual, que encerra claramente o propósito de esclarecimento político, elevação espiritual e autoconhecimento.

Conexão com a Vivência, África-Brasil, Jamaica-Paraná

Hoje, na contemporaneidade, nos vemos sufocados pela homogênea cultura de massa que, desde as nações do hemisfério norte, através de suas investidas coloniais e imperialistas, se expandiu em direção aos territórios ocupados por civilizações ancestrais, povos nativos.

Paulo Freire já nos elucidou: “Daí que a massificação implique no desenraizamento do homem. Na sua “destemporalização”. Na sua acomodação. No seu ajustamento.” (Freire, 2018, p. 59). E reiterou:

Por isso, desde já saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodamento(...) (idem, p.61).

Vemos se erguer e se fortalecer uma conjuntura de resistência que não se satisfaz com a homogeneidade, mas tem sede de reencontrar com as nossas verdadeiras raízes, em um processo que envolve o autoconhecimento e o reconhecimento do processo evolutivo que tem no Ser Humano seu protagonista.

Dentro da busca pelo reconhecimento cultural, elemento esse de coesão comunitária, de fortalecimento coletivo, e de resistência, a pesquisa bibliográfica ganha relevância, uma vez que traz fundamento e permite estabelecer pontes entre o que está se buscando construir e viver hoje e o que nossos ancestrais já viveram e comunicaram em tempos pré-coloniais. Pois se faz perceptível através do desenvolvimento da pesquisa que a base moral e a proposta de conduta que a Música Reggae nos traz, remonta aos princípios que regiam também comunidades e civilizações evoluídas da antiguidade africana, como Ma'at, princípio da Ordem e Equilíbrio, no Antigo Egito. Em seu livro “Ma'at the Moral Ideal in Ancient Egypt: a Study in Classical African Ethics”, Prof. Maulana Karenga (2004, p.10) nos traz que:

(..)Ma'at is an interrelated order of rightness which requires and is the result of right relations with and right behaviour towards the divine, nature and other humans. Ma'at é uma ordem interrelacionada, que requer e resulta de relações com e comportamento certos perante ao divino, a natureza e outro humanos.³

Ainda Karenga (2004, p.7) compartilha a idéia de Théophile Obenga (1990, p.158): “the notion of Maat is complex and rich. It expresses itself in four basic areas” (“a noção de Maat é complexa e rica. Ma'at se expressa em 4 áreas básicas”)

“(1)The Universal domains in which Ma'at is the total or ordered existence and represens things in Harmony and in place”; (*Domínio Universal no qual Ma'at é a totalidade, existência ordenada e representa a harmonia e a organização*);(2)The political domain in which Ma'at is Justice and in opposition to Injustice”;

³ Tradução Livre realizada pelo autor

(Domínio político no qual Ma'at é a Justiça em oposição a Injustiça);“(3)The social domain in which the focus is on right relations and duty in the contexto of Community”; (Domínio social no qual o foco está nas boas relações e comprometimento com a causa comunitária);“(4)The personal domain is to realize concretely the universal order in oneself and live in Harmony with the ordered hole”; (O Domínio pessoal é para realizar concretamente a ordem universal no indivíduo e viver em Harmonia com o Todo.)⁴(Obenga, 1990, p.158, 166-167)

Assim temos uma pequena introdução sobre a complexidade de Ma'at de modo a estabelecermos uma relação de seu conteúdo com a letra música WAR, do Álbum *Rastaman Vibration*, de 1976, do artista *Bob Marley*. Letra esta que é uma parte de um discurso proferido por Sua Majestade Imperial Haile Selassie I na Assembléia Geral da Liga das Nações (futura ONU) em 1936:

Enquanto a filosofia que declara uma raça superior e outra inferior não for finalmente e permanentemente desacreditada e abandonada; enquanto não deixarem de existir cidadãos de primeira e segunda categoria de qualquer nação; enquanto a cor da pele de uma pessoa for mais importante que a cor dos olhos; enquanto não forem garantidos a todos por igual os direitos humanos básicos, sem olhar a raças, até esse dia, os sonhos de paz duradoura, cidadania mundial e governo de uma moral internacional irão continuar a ser uma ilusão fugaz, a ser perseguida mas nunca alcançada. E igualmente, enquanto os regimes infelizes e ignóbeis que suprimem os nossos irmãos, em condições subumanas, em Angola, Moçambique e na África do Sul não forem superados e destruídos, enquanto o fanatismo, os preconceitos, a malícia e os interesses desumanos não forem substituídos pela compreensão, tolerância e boa vontade, enquanto todos os Africanos não se levantarem e falarem como seres livres, iguais aos olhos de todos os homens como são no Céu, até esse dia, o continente Africano não conhecerá a Paz. Nós, africanos, iremos lutar, se necessário, e sabemos que iremos vencer, pois somos confiantes na vitória do bem sobre o mal.” Haile Selassie 1936 liga das Nações

⁴ Tradução Livre realizada pelo autor

Assim a partir desta introdução proposta podemos estabelecer uma relação entre os princípios de *Ma'at* e o conteúdo moral da música utilizada como exemplo. A intenção deste trabalho não é aprofundar nesta relação, mas sim demonstrar que esta pode ser sim estabelecida, revelando uma conexão entre os princípios culturais que norteiam a Música Reggae e Ideais Morais que remetem a antiguidade africana.

NYAHBINGHI SAGRADA RAIZ

Neste tópico trazemos a experiência vivenciada no Grupo de Estudo e Desenvolvimento Cultural Rastafari, que desde 2010, busca o diálogo e a troca de informações e conhecimentos acerca do que envolve o Rastafari e o toque Nyahbinghi no território de Curitiba, Matinhos e Morretes.

Atualmente, com encontros semanais em Morretes, o grupo procura se aprofundar no toque Nyahbinghi, fundamento cultural e de religião espiritual e mística com a Criação de Jahovia, Deus Pai-Mãe. Portanto temos nesses encontros um momento de resgate cultural, onde elementos históricos, políticos vem à tona para que se possa ressignificar e contextualizar, a partir de nossa perspectiva local e contemporânea, um Movimento Cultural que emana sua raiz desde África, mas que teve seu solo fecundo na Jamaica do início do séc. XX.

Logo, através dos cânticos Nyahbinghi, a mensagem cultural, fundamental, com teores morais que guiam a conduta, supera as barreiras do tempo e ressurge hoje no coração de quem se reconhece como um homem ou uma mulher Rastafari.

Nos encontros do grupo, além dos diálogos, sempre se destina um momento para o estudo dos Cânticos, onde juntos aprendemos a cantar e a tocar o Nyahbinghi, praticando tanto os Cânticos tradicionais jamaicanos como os autorais do grupo.

Como grupo de resgate cultural, temos a resoluta percepção da responsabilidade de comunicar os saberes resgatados para que as novas gerações possam ter oportunidade de conhecer, e para que a Cultura possa se propagar no tempo e espaço como ferramenta de coesão comunitária, gerando resistência e valorização dos saberes tradicionais. Em parceria com o Instituto Sarapiá, sediado em Morretes-PR, o Nyahbinghi Sagrada Raiz pretende desenvolver atividades educativas nas escolas e espaços propícios, de modo a suprir a demanda supracitada, dentre as propostas de ação temos a realização da Vivência Nyahbinghi em cooperação com a Ordem Nova Flor-RJ, que desenvolve a 15 anos atividades culturais e espirituais sob a perspectiva Rastafari em Niterói - RJ

VIVÊNCIA NYAHBINGHI

Dentro do Movimento RastafarI percebemos a necessidade de promover encontros e vivências que conectam irmandades de diferentes territórios, uma vez que o Rastafari a nível de Brasil ainda é um Movimento Cultural que busca se organizar e se reconhecer para construir uma unidade, uma representatividade e uma agenda comum a todos os coletivos regionais, respeitando as especificidades locais, de modo a ser reconhecido e crescer em autonomia.

Por se tratar de uma Cultura Oral, consideramos fundamental que os irmãos e irmãs se conheçam pessoalmente e tenham oportunidades de trocar ensinamentos e saberes genuínos de cada território onde o Rastafari se levanta. A diversidade revela a riqueza da Cultura em território nacional, portanto a união no propósito de compreender e trazer à tona elementos culturais e históricos fundamentais para assimilar todas as “chaves” que envolvem a vivência RastafarI, se faz necessário no âmbito de fortalecer a Cultura no âmbito nacional.

Nesse intuito, pela união do coletivo Nyahbinghi Sagrada Raiz - PR e da Ordem Nova Flor – RJ, realizou-se a Vivência Nyahbinghi no Sítio Sagrada Raiz em Morretes-PR. Onde foram realizadas atividades como: Fabricação/montagem dos Tambores Nyahbinghi, troca de informações sobre matérias-primas utilizadas tradicionalmente, tipos (kete, fundeh e Bumbo); Prática de ritmos Nyahbinghi e Afro-brasileiros; Práticas de cânticos tradicionais e autorais; Diagnóstico dos contextos locais, e propostas de ações de cada Congregação. O processo foi registrado em fotografias e notas de campo, que integram uma narrativa visual (France, 2002) na intenção de aproximar os leitores da experiência. As imagens foram produzidas em conjunto com Guilherme Scharf, convidado especial para acompanhar e registrar as atividades.

A Vivência contou com a participação de membros da Ordem Nova Flor, e reuniu pessoas vindas de SC, e algumas cidades do Paraná (Curitiba, Mafra, Antonina, Matinhos, Morretes, Campo Largo) totalizando perto de 40 pessoas, incluindo as crianças.

Nestes momentos vivenciais muito se aprende com o silêncio entre as palavras, quando diversas mãos se unem para segurar o couro que é colocado no tambor, em momentos sutis, quando a água pura corre e hidrata o couro ao som de um canto feminino: “se lembra da sua cultura, se lembra da sua raiz, RastafarI”.



Figura 1



Figura 2

Assim, espaços de conexão e resgate cultural são experienciados sem formalidades, sem detentores incondicionais do saber, mas com entrega e presença no momento presente de modo a ter olhos para ver e ouvidos para ouvir, pois:

“os ensinamentos estão sendo aqui passados, olhos abertos para enxergar”
(cântico Sagrada Raiz.)

E todos tendo algo a aprender e a ensinar não devem se omitir.

*Ao Reino Vegetal
agradecemos pela vida
da palmeira que doou
seu tronco,
Ao Reino Animal
agradecemos pela vida
do animal que doou seu
couro e
Ao Reino Mineral
agradecemos ao metal
que se manifesta na
estrutura de afinação,
garantindo que cada
tambor soe como deve,
garantindo os timbres
que ecoam desde a
fundação.
Nos lembrando sempre
da conexão com a
grandeza da Mãe
Natureza, guia
materna sem a qual
nada poderia ser
realizado.*



Figura 3



Figura 4

*De três Reinos da Mãe
Natureza provem as
matérias primas que
unidas dão forma aos
tambores tradicionais
Nyahbinghi, que em
uma alquimia
sinestésica são
montados ao som da
capela:*

***“Em Adis Abeba um
Rei negro foi Coroado,
RastafarI foi nomeado
Leão Conquistador, Rei
na Etiópia, Rei no Brasil
também, Rei em toda
parte é o Rei dos Reis”
(...) (Cântico Ordem Nova
Flor)***



Figura 5

Crianças correm ao som do tambor que ressoa como um trovão, sementes de uma herança antiga, futuro ancestral, encontram solo fértil



Figura 6



Figura 7



Figura 8

OFICINA “Nyahbinghi: ancestralidade e arte-educação”

Outra atividade realizada no intuito de compartilhar saberes e vivências foi a Oficina “Nyahbinghi: ancestralidade e arte-educação”, realizada durante a I Semana Acadêmica do Curso de Licenciatura em Artes da UFPR, Setor Litoral, onde propomos um espaço de diálogo acerca da Cultura RastafarI e do Toque Nyahbinghi.

Em torno de 20 a 30 pessoas participaram da oficina, que contou com a presença de alguns membros do “Nyahbinghi Sagrada Raiz”, além de alguns Irmãos e Irmãs Rastas de Matinhos.

Diferentemente da vivência, esta interação foi realizada em ambiente acadêmico, acarretando uma formalidade e uma condução do espaço, chamado de oficina.

Iniciamos com uma demonstração do Toque, propondo que todos se sensibilizassem na escuta silenciosa. Na sequência foi realizada uma roda de apresentação onde as pessoas poderiam expressar o que conhecem sobre o RastafarI e o que lhes tinha impulsionado a participar da oficina. Após a apresentação de todos(as) foi realizada uma explanação sobre o fundamento que relaciona o toque do tambor, por sua característica batida 1-2, com a batida do coração, batida esta que nos conecta com o mundo interior, com a energia materna, pois configura o primeiro registro sonoro que recebemos ainda dentro do ventre de nossa mãe.

Seguimos com a demonstração das variações do Toque Nyahbinghi, variações estas utilizadas por diferentes “Mansões” Rastas em seus trabalhos espirituais.

O espaço de diálogo teve continuidade a partir das dúvidas e questionamentos dos participantes, que demonstraram interesse em conhecer mais da Cultura e de seus aspectos e fundamentos.

A relevância de se propor espaços como esta Oficina dentro do ambiente acadêmico é revelada pelo interesse crescente de pessoas que até então não haviam tido oportunidade de conhecer de perto o RastafarI e que, a partir desse contato estão buscando se aproximar dos grupos de estudos.

Após 1 hora de diálogos, dúvidas e questionamentos, realizamos um “Chant” Nyahbinghi com cânticos autorais e cânticos tradicionais jamaicanos, onde todos puderam acompanhar com as palmas e sentir a pulsação do Coração.

Considerações sobre a Oficina

Com esse espaço de diálogo vemos como a temática desperta interesse em diversos estudantes, mas como dentro e fora do ambiente acadêmico são raros os espaços com essa temática, concluo que não foi possível atingir todos os objetivos da oficina, uma vez que trabalhamos segundo o interesse do público, e assim não conseguimos aprofundar muito na temática e nem no potencial desta na Arte-Educação.

O espaço de diálogo perpassou mais os elementos que constituem a cultura Rastafari, servindo de introdução ao tema, nele foram discutidos: o papel da Mulher Rastafari, elementos estéticos (importância das tranças, cores representativas), contexto político e histórico, na Jamaica e na África, do surgimento do Movimento, espaços locais de resgate (grupos de estudos).

Portanto, para que possamos dialogar sobre a relevância e o potencial que a Cultura Rastafari, de forma ampla, tem nos processos educacionais de maneira interdisciplinar, seja dentro ou fora das escolas, como uma Cultura Afro-Brasileira, com perspectiva afrocentrada e pan-africana, configurando uma ferramenta social e política de resistência e construção de identidade em acordo com as nossas verdadeiras origens e influências sociais, existe a real necessidade de se criarem mais espaços de diálogos e construção de conhecimento na temática.

Ações na Educação Formal

Reconhecemos, também, no Toque Nyahbinghi uma ferramenta didática e culturalmente genuína para a Educação Musical dentro dos ambientes educacionais formais ou não-formais, com potencial de atender, inclusive, aos aspectos presentes na Abordagem Triangular, de maneira a se realizar uma introdução à linguagem da música através de um elemento cultural afrodescendente, cumprindo também exigências da Lei 10.639/03. Para exemplificar essa proposta ver em anexo o Plano de Ensino aplicado com alunos do 7º e 8º do CERP (Colégio Estadual Rocha Pombo) em Morretes PR durante o semestre 2018/1.

EVENTOS CULTURAIS – MÚSICA REGGAE

Festival Reggae a Beira-Mato

Em parceria com Espaço Beira-mato em Mandirituba(PR), um espaço cultural que tem como objetivo estabelecer uma relação harmônica com a Natureza local através dos princípios da Permacultura e Agroecologia, e que produz e organiza diversos eventos culturais ancorados em propostas de educação ambiental e espiritualidade.

Produzimos (A Produção Cultural do evento fica por conta da “Família Rochedo Produções”) este festival anualmente, desde 2015, com o objetivo de proporcionarmos uma vivência musical, cultural, em conexão com a natureza, em um ambiente rural, com a luz do dia, para que todos, inclusive as crianças, possam compartilhar da Música Reggae. Temos, também, a intenção de divulgar o Trabalho autoral das bandas locais de Música Reggae comprometidas com a mensagem de modo a promover a cena local.

Comungando da Cultura RastafarI, propomos como abertura do Festival um momento onde os Tambores Nyahbinghi se apresentam e em união todos possam entoar canções de Graças e Louvores a Criação com cânticos de composição do coletivo *Nyahbinghi Sagrada Raiz* e cânticos tradicionais consagrados RastafarI. Neste momento de vivência abre-se um espaço de diálogo sobre a Cultura Rastafari, onde cada um pode expressar sua percepção e/ou dúvida.

A proposta é que o Festival se configure em um espaço vivencial, onde sejam trabalhados elementos culturais que extrapolem o entretenimento, configurando-se um espaço de troca de saberes e vivências.

Durante as quatro edições do Festival diversas bandas se apresentaram, dentre elas:

Jahvê, The Plantation, Coletivo Aquarium, Gaiapiá, Unification, Jah Prayers (SP), Juruáh, Chama Crescente, Natural Dread (RS).



I UFPREGGAE RAIZ

Evento que teve sua primeira edição realizada em junho/2017 no campus do Setor Litoral da UFPR. Organizado por um coletivo interdisciplinar que contou com discentes de Saúde Coletiva, Agroecologia, Pós-Graduação e Licenciatura em Artes.

O UFPREGGAE RAIZ teve como propósito divulgar a Música Reggae e a Cultura RastafarI no ambiente acadêmico e propor espaços de diálogo e trocas de saberes sobre os aspectos culturais que permeiam a vivência e a musicalidade RastafarI e o toque do tambor Nyahbinghi.

Na abertura do evento foi proposto no Auditório da UFPR-Litoral um espaço onde Irmãos e Irmãs, adeptos ou não da Cultura RastafarI, dialogaram sobre os aspectos culturais em resgate e sobre a importância desses espaços dentro do ambiente acadêmico. Na finalização do espaço, realizou-se um Nyahbinghi onde todos puderam cantar e comungar da mensagem.

Bandas que se apresentaram: Flores Jahmor, Chama Crescente e Jahvê

Caminho que segue montanha acima...

Em cada evento realizado pudemos receber um feedback das pessoas que chegaram para comungar dos espaços de interação. Percebemos mais e mais hoje a real necessidade de se propor eventos que tenham como base uma construção cultural, uma vivência real, para que possamos resgatar e praticar princípios culturais comunitários.

Pela conjuntura social que vivemos em escala global, onde a crise de relações se agrava perante um sistema político econômico que nega o legado deixado pelos Povos Nativos de todo planeta, povos esses massacrados pela colonização, imperialismo, economia de mercado, pela globalização e seus padrões de desenvolvimento, sentimos a real demanda de resgatar, na pesquisa e na prática, os princípios e valores que nos chegam pela Tradição Oral, de modo que possamos reconstruir uma vida em harmonia com a Natureza Mãe que nos acolhe, abriga e alimenta, com nossos semelhantes de todas as cores e etnia.

Percebemos a Música Reggae como um elemento da Tradição Oral africana, uma vez que observamos em sua gênese uma base filosófica e cultural genuinamente africana. Nas mensagens que são entoadas vemos os princípios que caminham no tempo desde os mais antigos, caminhantes das terras que margeiam o Rio Nilo, o “povo de rosto queimado pelo Sol”. Inclusive uma proposta de continuidade da pesquisa iniciada aqui é estabelecer um paralelo entre o conteúdo filosófico da mensagem que caminha com a Música Reggae e o fundamento do Ideal Moral constituído em Ma’at (Ordem e Equilíbrio) no Antigo Kemet.

Como o Movimento Cultural Rastafari não se baseia em uma literatura específica, uma vez que seu veículo de propagação principal é a Música, considerando os Cânticos Tradicionais Nyahbinghi e a Música Reggae, principalmente, temos que a Cultura se resgata e constrói na vivência, na comunhão, na meditação, entre irmãos e irmãs, acessando os conhecimentos orais e consultando livros históricos como: a Bíblia Sagrada, Livro de Enoch, Evangelho Essênio da Paz, Os Livros de Melquisedec, Evangelho da Saúde de São João, Kebra Nagast, entre outros, que complementam a compreensão construída através da Oralidade em vivência.

Seja como ferramenta da resistência negra e de todos os povos oprimidos, de fortalecimento comunitário e de construção de identidade, e/ou como resgate de vivência comunitária e cooperativa, vemos a importância da Música Reggae e do Toque Nyahbinghi para o processo de cura íntima e reencontro com a divindade que habita cada coração pulsante sobre a Terra, assim como para o processo educacional de jovens e crianças nos ambientes escolares.

Vemos que a Música Reggae e o Toque Nyahbinghi podem ser úteis, no âmbito da educação formal, no ensino da linguagem musical, além de, também, possibilitar o desenvolvimento de trabalhos sobre Tradição Oral africana, processo histórico da colonização do continente americano, escravidão negra e diáspora africana.

A partir das experiências aqui relatadas, nossos passos se direcionam ao aprofundamento da pesquisa teórica, e da experiência prática. A partir da Vivência Nyahbinghi, o grupo *Nyahbinghi Sagrada Raiz* conquistou uma bateria de tambores originais, possibilitando que o estudo siga gerando frutos de consciência e capacitando os integrantes para desenvolver atividade culturais e formativas em espaços educacionais, tanto na educação formal quanto informal. E assim se revela a relevância deste trabalho na formação do autor, de modo que gerou material de pesquisa que pode ser utilizado em atividade de arte-educação, e oportunidade de práticas com enfoque na história e cultura africana e afro-brasileira em acordo com a Lei 10.639/03.

A produção de pesquisa no tema se faz necessária diante da escassez de materiais didáticos frente a diversidade e complexidade que configura a história e a cultura em África, além do desafio que é ter acesso a fontes africanas, uma vez que consideramos fundamental esse cuidado de buscar o olhar centrado em África, de modo a não somente reproduzir o “olhar” do colonizador. Temos como elemento fundante na formação do autor com arte-educador os conhecimentos e elementos culturais aqui pesquisados e desenvolvidos e que descortinam um Universo que se abre, pois sendo

África um continente em que podemos tanto aprofundar na vasta diversidade cultural, quanto na pesquisa sobre a formação e fundação das civilizações a partir de uma Unidade de princípios e valores, podemos, assim, perceber diferentes maneiras para compreender, reconhecer e valorizar nosso contexto cultural no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, André Duarte P. de – “Rastafari: cura para as nações: uma perspectiva brasileira”. – São Paulo, Ed. Phoenix, 2017

ARAÚJO, Douglas José Gomes. “Cultura Rastafari: Um estudo sobre práticas culturais afro americanas e representações diaspóricas “. Douglas José Gomes Araújo. – São Paulo, 2016

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: Notas Sobre Uma Posição Disciplinar. In NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.) Afrocentricidade Uma Abordagem Epistemológica Inovadora, São Paulo, Selo Negro Edições, 2009.

BÂ, Amadou Hampâté. “Tradição Viva”. In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2. Ed. Rev. – Brasília: UNESCO, 2010. 992 p;

BARBIERI, Renato. Atlântico Negro: na rota dos Orixás. Vídeo 53:24s IN Concurso Pierre Verger (1996-2008): Coleção de vídeos e fotos etnográficos/ Orgs. Claudia Turra-Magni, Clarice Peixoto – Brasília: ABA, 2010

BENJAMIN, Walter – “Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura” – 8ªed. Revista – São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERNAT, Isaac – “Encontros com o *griot* Sotigui Kouyaté – 1ªed. – Rio de Janeiro: Pallas,2013.

BHABHA, Homi K..O local da cultura; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves – 2ª ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

FREIRE, Paulo – “Educação como prática da liberdade – 42ª Ed. – Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

HALL, Stuart. “A identidade cultural na pós-modernidade” – 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006;

MORAES, Beatriz Dontane de; Souza, Raphaela Jesus Nunes de – “O Reggae além da Música” - XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Rio de Janeiro – 7 a 9 de maio de 2009;

MORIAS, Maria do Carmo Lima; Araújo, Patrícia Carla Viana de. "O REGGAE, DA JAMAICA AO MARANHÃO: PRESENÇA E EVOLUÇÃO" - IV ENECULT – UFBA, Salvador, 2008.

MUNANGA, Kabengele. "Origens africanas do Brasil Contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações" – 1º Ed – São Paulo: Global, 2009;

NASCIMENTO, Elisa Larkin; FINCH III, Charles S. – "Abordagem afrocentrada, história e evolução" IN "Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora"/ Elisa Larkin Nascimento (org.). São Paulo: Selo negro, 2009. (Sankofa: matriz africanas da cultura brasileira; 4)

NYAHBINGHI, Ordem. Trecho de comunicado de imprensa publicado em relação ao Racionamento Nacional Rastafari – Nova York, 1994. Tradução de Luísa Benjamin, omeganyahbinghi.blogspot.br – acessado em 8 de Setembro de 2018

RABELO, Danilo. "Rastafari: Identidade e Hibridismo Cultural na Jamaica, 1930-1981" – Tese de Doutorado Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

VAN SERTIMA, Ivan. They came before Columbus. Random House Trade Paperback Edition. Nova York, 2003.

VANSINA, Jan." A Tradição Oral e sua Metodologia." In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2. Ed. Rev. – Brasília: UNESCO, 2010. 992 p;

ANEXO 1

Planos de Aula

Temática: Toque Nyahbinghi

Objetivo Geral

Apresentar aos estudantes do 7ºano o Toque Nyahbinghi e seu contexto histórico-cultural e, partindo dele, desenvolver atividades que propiciem um conhecimento básico acerca das propriedades do som, da música e notação musical.

Justificativa

Pela necessidade de serem trabalhados em sala de aula temas relacionados a Cultura Africana, afro-brasileira, matriz geracional com muita influência na formação do povo brasileiro. Pelo interesse, pesquisa e vivência dos discentes na área de conhecimento relativa ao tema.

Planos de Aulas

Aula 1

Introdução, apresentação, "o que é música?" "do que é feita a música"– toque Nyahbinghi

- **Objetivos específicos:**

Apresentar aos estudantes a proposta a ser desenvolvida nas 5 aulas. Introduzir o tema e apresentar o Toque Nyahbinghi com seu contexto histórico-cultural.

- **Conteúdo**

Toque Nyahbinghi, introdução as propriedades do som e da música

- **Atividades a serem desenvolvidas (introdução, desenvolvimento, avaliação e encerramento)**

Apresentação da proposta pedagógica; introdução ao tema e ao Toque Nyahbinghi;

- **Procedimentos didáticos/metodológicos**

No momento inicial faremos uma breve explanação sobre a proposta educacional a ser desenvolvidas no período relativo às 5 aulas. Entraremos no tema estimulando os estudantes: “O que é a música, do que é feita?”. Após esse diagnóstico abordaremos o Toque Nyahbinghi, trazendo seu contexto histórico e cultural e realizando uma demonstração

- **Avaliação**

A Avaliação será processual e diagnóstica, neste momento poderemos avaliar se nossa didática foi satisfatória, e o que podemos melhorar. Tendo como parâmetro a participação e a apreensão do Toque Nyahbinghi pelos estudantes.

- **Recursos Humanos, materiais**

Tambores e caxixi;

Aula 2

Altura, timbres, intensidade e duração (propriedades do som)

- **Objetivos específicos**

Estimular a percepção dos alunos acerca das propriedades do som através do Toque Nyahbinghi e de seus elementos característicos como: instrumentos e variações

- **Conteúdo**

Propriedades do som – Timbre, altura, intensidade e duração e percepção auditiva;

- **Atividades a serem desenvolvidas (introdução, desenvolvimento, avaliação e encerramento);**

Apresentação da temática, breve explanação oral sobre o conceito das propriedades do som, atividade com foco em “altura”.

- **Procedimentos didáticos/metodológicos**

Inicialmente estabeleceremos um diálogo acerca do som e suas propriedades. No segundo momento será proposto que os estudantes demonstrem, executem 3 sons com características grave, média e agudo com o próprio corpo. Após conversaremos sobre a “altura”, introduzindo superficialmente o conceito de frequência sonora.

- **Avaliação**

Será dada a partir da participação e levará em consideração a capacidade dos estudantes de distinguirem um som grave de um médio e de um agudo a partir dos estímulos propostos.

- **Recursos Humanos, materiais.**

Instrumentos musicais

Aula 3

Propriedade da Música (melodia, harmonia, ritmo)

- **Objetivos específicos**

Estimular nos estudantes a percepção auditiva e a capacidade de análise a partir das propriedades da música.

- **Conteúdo**

Propriedades da Música – Melodia, harmonia, ritmo;

- **Atividades a serem desenvolvidas (introdução, desenvolvimento, avaliação e encerramento)**

Breve revisão dos assuntos já abordados nas aulas anteriores e introdução ao tema: propriedades da música com enfoque em Melodia e Ritmo;

- **Procedimentos didáticos/metodológicos**

No momento inicial faremos uma breve revisão dos conceitos já trabalhados nas aulas anteriores e iniciaremos um diálogo acerca da diferença entre Música e Som. No segundo momento trabalharemos as propriedades da música com enfoque em Melodia e Ritmo através da demonstração do toque Nyahbinghi (Ritmo) e de um cântico (melodia).

- **Avaliação,**

Se dará a partir da autorreflexão acerca da didática proposta e da capacidade dos estudantes de demonstrarem entendimento acerca dos conceitos trabalhados, nesta aula “ritmo” e “melodia”.

- **Recursos Humanos, materiais.**

Tambor, caxixi;

Aula 4

Noções básicas de Representação Gráfica

- **Objetivos específicos de cada aula**

Introduzir noções básicas de notação musical e representação gráfica do som.

- **Conteúdo**

Notação Musical; representação gráfica

- **Atividades a serem desenvolvidas (introdução, desenvolvimento, avaliação e encerramento)**
Retomar a construção realizada na aula 2 acerca da “Altura” e propor uma representação gráfica para as alturas diferentes a partir de um arranjo musical.

- **Procedimentos didáticos/metodológicos**

Inicialmente retomaremos os conceitos trabalhados na Aula 2. No segundo momento, estimularemos a reprodução por parte dos estudantes dos sons grave, médio e agudo, partindo do próprio corpo. Após faremos uma breve explanação sobre o conceito de Notação Musical e sua importância dentro do contexto musical. Para finalizar faremos uma representação gráfica dos sons reproduzidos pelos estudantes, criando um arranjo simples em que todos possam interagir.

- **Avaliação**

Se dará, no nível da auto avaliação, envolvendo a percepção crítica acerca da didática proposta e do desenvolvimento da atividade pelos Professores. E no âmbito da avaliação da turma de acordo com a participação efetiva e com a capacidade dos estudantes de reproduzir o arranjo proposto através da representação gráfica.

- **Recursos Humanos, materiais.**

Quadro negro;

Aula 5

Composição

- **Objetivos específicos**

Propor que seja construído uma representação gráfica de um arranjo pessoal de cada estudante, a partir dos sons grave, médio e agudo.

- **Conteúdo**

Notação musical, representação gráfica e Altura.

- **Atividades a serem desenvolvidas (introdução, desenvolvimento, avaliação e encerramento)**

Proposta de construção e elaboração de um arranjo musical, individual ou em pequenos grupos, representado graficamente.

- **Procedimentos didáticos/metodológicos**

Iniciaremos a aula resgatando os conceitos de representação gráfica e a propriedade do som Altura. A partir dessa introdução será proposto que os estudantes individualmente ou em duplas possa criar um arranjo sonoro representado graficamente utilizando sons graves, médios e agudos reproduzidos com o próprio corpo.

- **Avaliação**

A avaliação processual das 5 aulas terá nessa última um ponto chave de percepção de como os estudantes reagiram aos conteúdos e interações vivenciados, será avaliado: a capacidade de perceber e reproduzir as diferentes alturas do som; a capacidade de distinguir diferentes timbres; perceber a melodia e o ritmo; a aprendizagem do Toque Nyahbinghi;

- **Recursos Humanos, materiais.**

Quadro negro

Fundamentação Teórica

Temos a compreensão da importância da música como elemento sensibilizador da existência humana desde o início dos tempos, e nos tempos atuais esta assume um papel especial no que tange ao ensino escolar, uma vez que configura uma importante ferramenta pedagógica tanto para a educação musical em si, mas também por possibilitar que se trabalhe conceitos de diferentes disciplinas e áreas do saber, propiciando um espaço interdisciplinar.

Para Nogueira (2003, p.01), citado por Godoi (2011, p.18) a música é entendida como experiência que:

“[...] acompanha os seres humanos em praticamente todos os momentos de sua trajetória neste planeta. E, particularmente nos tempos atuais, deve ser vista como umas das mais importantes formas de comunicação [...]. A experiência musical não pode ser ignorada, mas sim compreendida, analisada e transformadas criticamente”.

Percebemos como as crianças espontaneamente utilizam a música e o som em suas brincadeiras, seja criando efeitos sonoros para caracterizar algum personagem ou ação deste.

Para o desenvolvimento cognitivo das crianças e jovens a música pode ter um papel muito relevante se for estimulada dentro do ambiente escolar. Aprimoramento de coordenação motora, apropriação do ritmo, noções de lógica, desenvolvimento da criatividade, desenvolvimento das capacidades relativas à representação simbólica do som, necessária no aprendizado da escrita e leitura. Além de questões relativas ao desenvolvimento emocional (autoconfiança) e social (trabalho em grupo, cooperação, comunicação) dos estudantes são elementos que a música pode ajudar a desenvolver em uma perspectiva pedagógica.

Em seu trabalho sobre a importância da música na Educação Infantil, Godoi(2011), citando *Chiarelli*, nos traz que:

“Para Chiarelli (2005), a música é importante para o desenvolvimento da inteligência e a interação social da criança e a harmonia pessoal, facilitando a integração e a inclusão. Para ele a música é essencial na educação, tanto como atividade e como instrumento de uso na interdisciplinaridade na educação infantil(...)
“

A partir da análise histórica, social e cultural da formação do Povo Brasileiro, dentro da perspectiva que nos traz Stuart Hall em seu livro “A identidade Cultural na pós-modernidade”:

“(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento (...)” (2006, p.38)

Percebemos que para uma construção identitária autêntica, dentro da grande influência africana e indígena na formação do Brasil, como povo e nação, se torna urgente na educação infantil que sejam tratados assuntos relativos a essa origem cultural.

Paulo Freire em seu livro “Pedagogia da autonomia” nos traz a relevância de serem trabalhados em sala de aula temas que abordem a questão da formação da identidade: *“A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a da classe dos estudantes cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado”* (1999, p.46).

E para isso percebemos a relevância da perspectiva paradigmática Afrocêntrica, criado pelo Professor Molefi Asanti (1980) e desenvolvida para a construção do conhecimento sob a perspectiva dos povos africanos. Consideramos relevante essa abordagem nos temas relacionados a Cultura Africana e Afro-brasileira, de modo que possamos trazer para o ambiente escolar o conhecimento segundo a ótica dos africanos, e não o conhecimento sobre os africanos, produzido pelos países imperialistas ocidentais.

Segundo Nascimento e Finch no artigo: *“Abordagem afrocentrada, história e evolução”* parte do livro: *“Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora”*:

“(...)a abordagem afrocentrada vem evoluindo sempre no sentido de incorporar progressivamente, além das obras criadas na tradição ocidental, a ética e a filosofia ancestrais e a construção de conhecimento por africanos no seu próprio contexto de vida, antes e/ou independentemente do domínio colonial e escravista mercantil. Durante milênios as civilizações clássicas africanas estiveram entre os principais elaboradores do conhecimento humano. Uma missão da abordagem afrocentrada é desvelar e estudar essa produção, negada por um Ocidente que se autodenominou o único dono da ciência. Outra missão é levantar, estudar e articular as bases teóricas e epistemológicas das expressões atuais da matriz africana de conhecimento, como a filosofia religiosa tradicional.” (p.41,42)

Assim justificamos a escolha da temática, através da qual trilharemos o caminho para atingir os objetivos relativos aos conceitos musicais a serem trabalhados em sala de aula.

Toque Nyahbinghi – “Batida do Coração”

A batida coração, como também é conhecido esse toque, é um elemento cultural relacionado ao Cultura RastafarI, um movimento genuíno de origem Afro-caribenha, com perspectiva pan-africana e afrocentrada, que tem como proposta a divulgação, através da Oralidade, de uma cultura fundamentada em princípios de fraternidade e ancestralidade que integram: uma forma de viver em harmonia com a Natureza Mãe provedora, a valorização, reconhecimento e resgate de nossas raízes culturais em África (berço da humanidade), assim como, a luta contra qualquer tipo de opressão, a busca pela elevação espiritual e evolução da consciência do ser humano na Terra através do autoconhecimento e de uma conduta fundamentada no Amor à Vida, no “reto caminhar” onde se busca a honestidade, a caridade, a humildade, a equidade de gêneros, a cooperação pela Não-Violência, em uma vida simples, onde se construa uma aproximação, comunhão com o mundo natural para que o Ser Humano se reconheça como Guardião.

A tradução literal da palavra Nyahbinghi está relacionada com uma base ideológica que fundamenta a Cultura e o Cerimonial onde os tambores são tocados. “Morte a qualquer tipo de opressão”, pelo direito à liberdade e pelo fim da dominação do homem sobre o homem, da exploração da natureza pelo homem. Nyahbinghi é o nome de uma ordem de guerreiros africanos Nazireus, reconhecidos pelo seu voto (batawi) de serviço a Jah, que lutaram contra a colonização da África. Com a intensificação de invasões de europeus, a Ordem Nyahbinghi teve de se exilar na Etiópia, onde foi recebida e abrigada por Haile Selassie. O Imperador Etíope, figura mística e reconhecido político defensor dos direitos humanos contra o Imperialismo Europeu, passou a ser o comandante da Ordem Nyahbinghi, a qual se tornou praticamente seu exército-guarda pessoal. Juntos lutavam pela liberação da África e pelo direito a soberania territorial de todos os africanos.

Tradicionalmente o Cerimonial Nyahbinghi tem duração de 1 a 7 dias, onde dentro do Tabernáculo, com a presença sagrada do fogo, os tambores (akête, fundé e thunder) tocam em Louvores à Jah Rastafari, juntamente com cânticos que remetem aos elementos históricos e morais que fundamentam a Cultura, além da realização de leituras bíblicas ou de livros apócrifos. Essa batida para os Rastas reconecta à essência espiritual, à pulsação original da terra, reconhecida também pelo nome de África.

Por ser um toque primitivo, simples mas profundo, que remete a batida do coração, percebemos grande potencial pedagógico para se trabalhar a educação musical com crianças, adolescentes e adultos. Para o desenvolvimento de atividades que relacionam a Oralidade e a Tradição Oral de povos nativos também reconhecemos o grande potencial deste tema.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Luiza. Rastafari – Vida e História. IN: *Projeto Ômega Nyahbinghi*. [Blog internet] Consulta em 13/04/2018. Disponível em: omeganyahbinghi.blogspot.com.br/2010/09/rastafari-vida-e-historia.html

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

GODOI, Luis Rodrigo. *A importância da música na Educação Infantil*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MUNANGA, Kabengele. *Origens africanas do Brasil Contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*. 1º Ed. São Paulo: Global, 2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin e FINCH, Charles S. – Abordagem afrocentrada, história e evolução IN: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.) *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matriz africanas da cultura brasileira)